

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

PROBLEMATIZAÇÃO DOS VALORES NA EDUCAÇÃO: DECLÍNIO OU ASCENSÃO?¹
PROBLEMATIZATION OF VALUES IN EDUCATION: DECLINE OR ASCENSION?

Leandro José Kotz², Adriano André Maslowski³

¹ Artigo elaborado a partir da dissertação de mestrado em educação nas ciências da Unijuí.

² Aluno do curso de Doutorado em Educação nas Ciências. Mestre em Educação UNIJUI. Bolsista Taxa Capes.

³ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria - RS;

Resumo: A presente inflexão de pensamento tem por escopo abordar o tema da crítica ética de Nietzsche à moral, prescindindo elementos para a educação. A temática - a dos valores - é indispensável na educação, à medida que seu pressuposto é o outro a ser educado. Destarte, a educação é permeada por relações que, em nenhuma hipótese, podem exonerar-se da responsabilidade ética. Nesse horizonte, a filosofia de Nietzsche se revela com uma polaridade uma vez que é desconstrucionista dos grandes referenciais de sentido à existência (moral, cristianismo, ciência e metafísica), portanto, em que medida seu pensamento pode potencializar a educação uma vez que esta se propõe a construir *gnose*, ou ainda ser expressão de decadência à medida que apenas propõe desconstruir referenciais?

Palavras-chave: Nietzsche. Moralidade. Ética. Educação.

Abstract: The present inflection of thought is intended to address the theme of Nietzsche's ethical critique of morality, dispensing with elements of education. The theme - that of values - is indispensable in education, as its presupposition is the other to be educated. Hence, education is permeated by relationships which, under no circumstances, can be exempted from ethical responsibility. On this horizon, Nietzsche's philosophy reveals itself with a polarity since it is deconstructionist of the great referential of meaning to existence (moral, Christianity, science and metaphysics), therefore, to what extent his thought can enhance education once it is proposes to build gnosis, or even to be an expression of decadence as it only proposes to deconstruct references?

Keywords: Nietzsche. Morality. Ethic. Education.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

INTRODUÇÃO

A herança metafísica aborda os valores a partir de padrões preestabelecidos que são sustentados num *in se*. Nietzsche abre, por meio de sua análise crítico-genealógica, uma nova possibilidade de compreender a axiologia e evidenciar as lacunas da ética tradicional. Faz isso, desde as compreensões da antiguidade perpassando os modelos medievais até chegar ao ideal da modernidade. Embora cada época defina um propósito de moralidade e humanidade distintos, todos convergem na dominação dos impulsos vitais e/ou da vontade de poder. Produzem, portanto, um cárcere no qual as pulsões e os desejos são aprisionados. A partir disso, coloca-se a seguinte questão, a moralidade nietzschiana é incremento para a vida ou declínio? E como as inquições de Nietzsche ecoam no campo educacional? Defende-se que há uma oscilação entre o declínio e a ascensão (isso é possível, pois é uma questão perspectivista), não obstante, sua reflexão ética pode contribuir em vários sentidos para a educação.

Entre os critérios balizadores da moralidade nietzschiana está a vontade de poder. Se a ação for pautada pela vontade própria, a vontade do outro pode ficar suspensa, minimizada, desconsiderada ou até mesmo eliminada. Gera-se, dessa forma, um paradoxo: ou se sacrifica a vontade nos altares da moral em nome do outro e das regras universais que tendem a obliterar os desejos e as pulsões, ou vive-se segundo sua vontade sem preocupação por outrem, o que inviabilizaria a convivência social. Duas implicações devem ser consideradas: primeira, com essa moralidade, a educação ainda é possível? E em que medida essa moralidade pode ser considerada um avanço ou declínio na axiologia?

Da crítica à tradição

A reflexão ética de Nietzsche desestabiliza e, de modo modesto, pode-se afirmar que provoca uma reviravolta nesse campo, uma vez que demonstra que os valores são produções humanas, assim, destituí-los de sua existência eterna e de sua transcendência. Se o objetivo ao longo da tradição era fundamentar a moralidade e oferecer um quadro de referências valorativas para a ação, Nietzsche põe como ponto de partida da ética – evidentemente não como fundamentação –, o ser humano em sua totalidade, isto é, sem cindir a natureza instintiva corpórea da razão. Trata-se de uma reviravolta, que corrobora a suspeita de que os valores tradicionais afluem para a subjugação da natureza impulsiva do ser humano em detrimento da razão. Toda subjugação e cerceamento foram denominados ao longo da história de valores ou ainda de bem. Mais do que um esforço teórico de desvelamento dessa tartufice, trata-se de libertar a dimensão corpórea com suas pulsões e paixões dos claustros impiedosos impostos por intermédio da razão. No entanto, cabe ressaltar que a razão é condição de civilidade. Nietzsche não delimita um quadro de referência

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

para a ação. Ao contrário, todo tipo de referência exterior deve ser combatido, uma vez que não há fins universais a serem atingidos[1], resta, portanto, voltar-se sobre si, deixar aflorar a vontade de poder. Mais tarde o filósofo referiu-se a isso em *Ecce Homo* de “tornar-se o que se é”. A problemática que emerge dessa compreensão, concerne ao narcisismo contemporâneo, ou seja, esta não é a base para o narcisismo contemporâneo?

Ao escrever sobre a rebelião dos escravos na moral (rebelião porque outrora o aristocrata criava valores[2]), Nietzsche demonstra como o ressentimento produz valores e como o escravo necessita de um modelo exterior, ao passo que o filósofo contrapõe à exterioridade à interioridade, isto é, o nobre sim do senhor que nasce de sua vontade de poder. A moralidade do escravo nasce da abnegação de viver, do temor em deixar a natureza impulsiva manifestar-se e/ou comandar, no fundo trata-se de uma fraqueza, pois sempre há uma esfera exterior ditando cânones e obstaculizando o eu quero de alguns (do aristocrata)[3]. Destarte, Nietzsche conclui que não há nenhuma ação, tão somente reações.

[...] Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um ‘fora’, um ‘outro’, um ‘não-eu’ - e *este* Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores - este *necessário* dirigir-se para fora em vez de voltar-se para si - é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto - sua ação é no fundo reação” (NIETZSCHE, 2008, p. 29).

No âmbito educacional isso reflete como declínio, mas não se pode deixar de perceber a ascensão e a libertação. Começar-se-á a discorrer sobre essa última possibilidade. Os fundamentos pedagógicos da modernidade, de modo mais específico, aqueles que são oriundos do iluminismo como a emancipação do ser humano por meio da razão, da moral e da ciência para atingir a maioria, são postos em xeque. A aposta delirante na razão prometia um mundo melhor e/ou o melhor dos mundos[4]. Em relação a isso, Nietzsche é categórico: as promessas fracassaram e viraram ilusões perturbadoras, pois intrinsecamente esse movimento engendrou o seu oposto à decadência, exauriu os valores. Por isso sua crítica corrosiva à tradição abala as balizas pedagógicas provenientes do iluminismo, “[...] especialmente a de identidade do eu e a de aperfeiçoamento moral entram em decadência” (HERMANN, 2010, p. 116). O que se compreendia como identidade do eu era, na verdade, a identificação do humano com um estereótipo predeterminado. Dito de outro modo, o eu jamais pôde ousar ser o que é. Se ousasse ser não se enquadraria nos delineamentos do que se entendia por ser[5]. Sendo assim, poder-se-ia cerceá-lo, excluí-lo ou até mesmo eliminá-lo legitimamente. É verdade que Nietzsche não leva às últimas consequências esse debate, quem o faz com afinco é Adorno. Todavia, a senda aberta por Nietzsche é transformada pelos filósofos do século XX numa clareira. Desconfiam da metafísica como pensamento violento assim como Nietzsche e, mais tarde, como o próprio Heidegger[6]. A moralidade da autonomia é um engodo para Nietzsche. Ao invés de gerar autonomia e liberdade produz autoritarismo e submissão, uma vez que a ação deve ser orientada por um ideal transcendente, num conceito, produz o animal de rebanho. Haja vista que isso permeia a educação (aliás, um dos móveis desse ideal é a educação), gera-se a massificação, a padronização ou, na

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

terminologia nietzschiana, domesticação do eu até produzir o animal de rebanho. Representa declínio, de mais a mais, os valores são essenciais na educação. A vontade de potência na moralidade liberta os indivíduos das imposições anteriormente referidas, mas inviabiliza a convivência e, por conseguinte, a educação. Pois da imposição de vontades, dificilmente chegar-se-ia a um consenso. Sendo assim, Nietzsche revela-se como filósofo contundente em “espinhar” e “alfinetar” a filosofia, a ética e a educação, mas seu pensamento é insuficiente para fornecer indicações valorativas e educativas. Além disso, é demasiadamente complexo, para não dizer impossível, delinear que valores ele admitiria na educação, uma vez que apresenta apenas um indício “e não é um mandamento para hoje nem para amanhã este aprender a amar-se a si mesmo. É pelo contrário, a mais delicada, a mais apurada, a última e a mais paciente de todas as artes” (NIETZSCHE, s.d., p. 147). Amar a si mesmo como condição para encontrar a si mesmo e como contraponto a tradição moral cristã que frisa justamente o contrário, amar o próximo.

Ao negligenciar os instintos cria-se o animal ressentido, doente de si e cansado de viver, que é obrigado a interiorizar sua natureza impulsiva, isso, por sua vez, gera a má consciência. Nesses termos, a moral não melhorou a condição humana, pelo contrário: produziu uma profunda aversão e desvalorização da vida.

Tudo isso, exige, por seu turno, que se aponte uma cura, para além do diagnóstico que Nietzsche realizou. Tomando os valores tradicionais como alicerce da educação, produz-se um indivíduo manso que reproduz padrões previamente estabelecidos. Por um lado, sobre o olhar vigilante de uma instância coercitiva, denominada de Estado, que se vale do castigo para moldar um tipo fraco e inibir a exteriorização da natureza impulsiva que tende a fomentar a passividade. Por outro lado, abrir mão do estado significa deixar todos à própria sorte, cada qual segundo sua vontade de poder.

Considerações finais

A filosofia nietzschiana casada com a educação, caminha sobre uma corda estendida sobre um abismo, isso significa que Nietzsche desmascara processos formativos degenerados pelo pensamento fundacional que engendra uma moralidade de fracos ao passo que pode-se colocar tudo a perder. Por essa razão deve-se escutá-lo enquanto crítico sem, contudo, dogmatizar suas interpretações à luz do fundamentalismo. Nietzsche oferece alguns lampejos de “cura”, contudo, não se configura em um paradigma para a educação ou para a axiologia. São intuições que o filósofo aposta, mas sem nenhuma garantia de solução ou aplicabilidade, até porque Nietzsche tem aversão à utilidade, ou seja, receiptuários. Uma delas é a transmutação dos valores (por esse conceito, Nietzsche entende o processo de interpretação e avaliação da vida com critérios que a potencializem) como meio para criar novos valores a partir de perspectivas profundamente comprometidas com a vida, como modo de libertar-se de tudo que foi até então considerado de bem e de mal.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

[...] A ideia do homem livre e criador produz-se pela educação como libertação, como autolibertação. Desse modo, além de fazer uma crítica destrutiva, Nietzsche aponta um caminho afirmativo, para um caminho de superação, para um homem que se constrói e que dá sentido à vida. Nesse processo, deve-se reconhecer a debilidade do espírito livre, pois, como ele conhece 'demasiados motivos e pontos de vista', sua ação ainda é insegura. Aqui Nietzsche destaca a inventividade do homem para buscar sua libertação e vale-se da imagem do mutilado que compensa a fraqueza de um órgão com o desenvolvimento de outro. Para ser forte, o espírito livre começa admitindo sua debilidade e a necessidade de criar valores (HERMANN, 2010, p. 120).

Com os valores deteriorados, assim como a cultura, a educação só pode ser da mesma qualidade. Diante dessa realidade de ruínas, Hermann expõe o que entende por libertar-se à luz da filosofia nietzschiana: "[...] libertar-se do nivelamento empobrecido e da massificação significa responsabilizar-se pelo rumo da própria existência, pela própria criação de si" (2010, p. 120). Difícil imaginar que as crianças^[7] e os jovens possam cumprir com as afirmações acima, isto é, se libertarem e, ao mesmo tempo, tornarem-se criadoras de valores de tal sorte a serem responsáveis por si. Jogadas no mundo, aprendem gradativamente a tradição, tanto no que ela tem de barbárie como engrandecimento da vida. É utópico deixá-las à própria sorte para discernirem entre a decadência e o que é vital. Abandoná-las, nesse sentido, é tão bárbaro quanto a metafísica é, cai-se justamente no que se critica. O mesmo é válido para o animal de rebanho adulto. Nesse horizonte, somente a educação possui o potencial de trazer à epiderme as mazelas e apontar para a transmutação dos valores, isto é, para o ato criador. Dado esse contexto, a ação do estado é fundamental. Embora Nietzsche discorde, uma vez que o estado é uma das fontes de degeneração da educação e da cultura.

Entre declínio e ascensão, cabe uma citação de Nadja como conclusão:

Pode-se aprender com ele o que tem de melhor: uma livre experiência do pensamento, um ímpeto crítico, um jogar-se na aventura de criar interpretações. Certamente, um observador atento já percebeu que a educação nessa perspectiva é uma alternativa que não produz resultados objetivos, mas que conduz à aventura do pensar, à ampliação de horizontes sobre sentido de educar. A sabedoria de Nietzsche tem sempre algo a nos dizer (HERMANN, 2010, p. 122).

Referências

ADORNO. Theodor W. *Dialética negativa*. Trad. Marco Antonio Cassanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

HERMANN, Nadja. Nietzsche: crítica e transvalorização da educação. In: FAVERO, Altair Alberto; LAGO, Clenio (Org.). *Leituras sobre Nietzsche e a educação*. Passo Fundo: IMED, 2010. p.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

112-123.

LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a educação*. Trad. Semiramis Gorini da Veiga. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Além do bem e do mal*. Trad. Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Assim falava Zaratustra*. Trad. Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo: Hemus, [s. d.].

_____. *Ecce homo*. Trad. José Marinho. 5. ed. Lisboa: Guimarães, 1984.

_____. *Genealogia da moral: uma Polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PARMÊNIDES. *Da natureza*. 2. ed. Trad. José Trindade Santos. São Paulo: Loyola, 2009.

VATTIMO, Gianni. *Para além da interpretação: o significado da hermenêutica para a filosofia*. Trad. Raquel Paiva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

[1] Refletindo sobre isso, Nadja escreve: “[...] a imposição de um ideal, de um indicativo de vida correta, seria contra a vida, uma vez que todas as formas de idealização são uma renúncia à realidade, uma repressão de impulsos vitais, um aprisionamento que se contenta com abstrações, com projeções para além deste mundo, o que gera a moral do ‘ressentimento’. Os homens deixam-se levar pela maioria, seguem regras de forma acrítica e criam aquilo que o filósofo caracteriza como ‘moral de rebanho’” (HERMANN, 2010, p. 116).

[2] Ver: NIETZSCHE, 2009, p. 188-215. “Que é o aristocrático?” (NIETZSCHE, 2009, p. 187). Com esse título Nietzsche abre uma seção na qual discorre sobre a sua compreensão de ser humano elevado, que é o aristocrata. Aquele que vive segundo sua vontade de poder. Em sua análise constata que todos os valores nobres procederam de sociedades aristocráticas. “Toda nova elevação do tipo ‘homem’ foi até hoje obra de uma sociedade aristocrática, e assim sempre será numa sociedade que tenha fé na necessidade de uma profunda diferença do valor de homem a homem, e que para chegar a seu fim necessita da escravidão sob uma ou outra forma” (NIETZSCHE, 2009, p. 188). Para demonstrar sua posição recorre a um tipo de razão pouco interpretativa e compreensiva, mas explicativa. Por meio da biologia justifica que é natural o mais

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

forte, aquele que deixa aflorar a vontade de poder dominar e cunhar valores. “Digamos, sem hesitação, como começou na terra uma civilização nobre e elevada. Homens de natureza primitiva, bárbaros no sentido mais terrível da palavra, homens de rapina, com indômita força de vontade, com ardente desejo de dominar, precipitaram-se sobre as raças mais débeis, mais civilizadas, que se ocupam de comércio ou do pastoreio, ou sobre outras civilizações decrépitas que gastam as últimas energias da vida em esplêndidos fogos de artifício do espírito e da corrupção. A casta aristocrática foi sempre em seus começos a raça bárbara e sua preponderância deve ser buscada, não na força física, mas na força do espírito: eram homens mais completos que, em cada degrau, significam bestas mais completas. [...] Seu credo fundamental deve compendiar-se no princípio de que a sociedade não existe para a própria sociedade, mas como base, andaime e sustentáculo de uma espécie de seleção de homens que possam realizar seus altos destinos e viver com vida mais elevada: à semelhança daquelas trepadeiras sedentas de sol de Java - chama-se *Sipo matador* - e que se aderem com seus braços ao azinheiro o tempo necessário para desabrochar à esplêndida luz franca do sol, e essa espécie, neles apoiados, abram a sua coroa e demonstrem assim a sua felicidade” (NIETZSCHE, 2009 p. 188-189). Assim como o sipo matador necessita de outras plantas para se elevar, o aristocrata carece da plebe sobre a qual pode ascender. Para tanto, se for necessário que alguns da plebe sejam sacrificados, não há nisso nenhuma crueldade ou juízo qualificativo que possa acusar essa ação de má. “[...] O essencial numa boa e sadia aristocracia é que se mantenha, quer num reino ou numa república, não como função real nem social, mas como íntimo significado e alta justificação destas instituições, e que, por isso, acolha com tranquilidade de consciência o sacrifício de inumeráveis indivíduos, que por ela devam reduzir-se à condição de homens incompletos, escravos, de instrumentos” (NIETZSCHE, 2009, p. 189). Neste ponto é necessário retomar Larossa ‘e pensar contra Nietzsche’ (Cf. 2009, p. 8). Por isso, deve-se ressignificá-lo, mesmo que se possa sofrer a acusação de traí-lo teoricamente. Deve-se passar da aristocracia para alguns para a aristocracia para todos. Ou seja, potencializar por meio da educação cada indivíduo a criar tendo como pressuposto a maximização, o amor e a fé na vida. Pois, “a alma aristocrática possui a fé em si mesma, e esta fé não se pode perder. A alma aristocrática tem veneração de si mesma” (NIETZSCHE, 2009, p. 210).

[3] “Ai! se não compreenderdes estas minhas palavras: ‘Fazei sempre o que desejardes; mas sede logo daqueles que podem querer’” (NIETZSCHE, s.d., p. 131).

[4] A humanidade é herdeira do iluminismo que apostou na transformação do mundo por meio da ciência e da técnica. A realização e/ou a transformação que a filosofia almejava, de acordo com Adorno, não se concretizou. Por isso, para muitos a filosofia era tida como ultrapassada, no entanto, ela se mantém viva, justamente, porque a transformação fracassou. Trata-se de uma crítica endereçada a Marx quando este afirma, “os filósofos só *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; do que se trata é de transformá-lo” (MARX, 1998, p. 103). Mas também ao iluminismo com sua racionalidade técnico-instrumental. Cabe lembrar, que o próprio Marx é herdeiro dessa perspectiva. “A filosofia, que um dia pareceu ultrapassada, mantém-se viva porque

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

se perdeu o instante de sua realização. O juízo sumário de que ela simplesmente interpretou o mundo e é ao mesmo tempo deformada em si pela resignação diante da realidade torna-se um derrotismo da razão depois que a transformação do mundo fracassa. Essa transformação não garante nenhum lugar a partir do qual a teoria como tal pudesse ser acusada concretamente de ser anacrônica - algo de que, agora como antes, ela continua sendo suspeita. Talvez não tenha sido suficiente a interpretação que prometia a transição prática. O instante do qual depende a crítica da teoria não se deixa prolongar teoricamente" (ADORNO, 2009, p. 11).

[5] Trata-se de uma lógica identificadora que produz padrões predeterminados, engendrada por Parmênides e que orientou o mundo ocidental. "Vamos, vou dizer-te - e tu escuta e fixa o relato que ouviste - quais os únicos caminhos de investigação que há para pensar: um que é, que não é para não ser, é o caminho da confiança (pois acompanha a realidade); o outro que não é, que tem de não ser, esse indico ser caminho em tudo ignoto, pois não poderás conhecer o não-ser, não é possível nem indica-lo [...] pois o mesmo é pensar e ser" (PARMÊNIDES, 2009, p. 69).

[6] Segundo Vattimo, "[...] Depois de Heidegger, e desenvolvendo-se a partir de pressupostos diversos que, entretanto, não estão tão longe dos seus, também Adorno e Lévinas nos ensinaram a desconfiar da metafísica, não como um erro teórico, mas principalmente como um pensamento violento: ou porque, como pensa Adorno, o seu interesse exclusivo pelo universal e pelas essências preparadas para aceitar que, em nome do universal e pelas essências preparadas para aceitar que, em nome do universal se desprezem os indivíduos, ou ainda porque, como pensa Lévinas, a pretensão de entender o ser como condição para o encontro com o singular existente abre caminho para as mesmas aberrações" (VATTIMO, 1994, p. 51). Cabe ressaltar que Vattimo faz uma ressalva, "[...] é duvidoso que valham verdadeiramente as razões de Adorno e Lévinas: nem sempre e necessariamente, o pensamento do universal ou a concepção do ser como ser do ente deram lugar à violência e à prepotência" (1994, p. 51). Por fim, Vattimo acrescenta: "que, na verdade, o pensamento fundamental - o fundamentalismo metafísico - seja pensamento violento não é um 'dado' objetivo que, por sua vez, possa ser comprovado sem controvérsias (contradizendo-se, então). É isto o que 'resulta' da narração - interpretação da história da metafísica, onde entram as implicações assinaladas tanto por Adorno como Lévinas, do mesmo modo que a tese heideggeriana da metafísica como premissa da qual se seguem 'logicamente' o cientificismo e a organização total da sociedade moderna, e também a idéia nietzschiana segundo a qual o pensamento fundacional é uma espécie de reação excessiva a uma situação de insegurança que, doravante, não é mais nossa" (1994, p. 52).

[7] Aqui não se pode confundir a criança recém-chegada no mundo com aquela que aparece em *Assim falava Zaratustra*, de modo mais específico nas três transformações do espírito. Na metáfora a criança, é a que vive segundo sua vontade de poder, liberta-se da tradição e cria valores.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa